Ano XXI — Fátima, 13 de Maio de 1943 — N.º 2[illegible]

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria. Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

Aos Sacerdotes

Foi renovada a concessão da celebração da Missa do Rosário nas condições e cláusulas das faculdades anteriores.

(Rescrito de 22 de março de 1943)

Primeiros sábados do mês

Tendo surgido dúvidas àcêrca da Imagem de Nossa Senhora perante a qual se devia orar para lucrar as indulgências concedidas pelo Rescrito da S. Cong. do Santo Ofício de 13 de Junho de 1912 e do Rescrito de Bento XV de 9 de Desembro de 1920, a S. Penitenciaria respondeu ao Sr. Bispo de Leiria em Rescrito de 12 de Dezembro de 1942 que as referidas indulgências se podem lucrar perante qualquer imagem de Nossa Senhora e em qualquer parte.

ACÇÃO CATOLICA

Que podemos fazer?

Deus chama-nos ao apostolado.

Mas o apostolado exige sacrifícios e, por isso, fàcilmente encontramos razões para nos escusarmos. Quantas vezes não teremos pensado e dito: De que vale o meu esfôrço, sendo tão fraco e pecador?

Se todos os Apóstolos pensassem dêsse modo, e não se resolvessem a seguir corajosamente a voz da sua vocação, o mundo inteiro estaria ainda envolto nas trevas densas de paganismo doloroso.

Deus quere a nossa colaboração sincera e esforçada. É débil? É poderosa? Isso não é connosco. De nós depende a doação generosa. Deus torná-la-á fecunda, mesmo quando nos pareça que todo o trabalho é inútil.

Grande honra é para nós colaborar com Deus, na redenção das almas, a começar pela rendenção da nossa própria alma. Porque Deus, que podia resgatar o mundo sem nós, querendo respeitar a liberdade humana e fazer-nos dignos de mérito e de louvor, não dispensa o nosso sacrifício. Razões de sobra tinha Santo Agostinho para escrever que Deus, que nos criou sem nos ouvir, não nos salvará sem o nosso concurso. E, podendo fazer das próprias pedras filhos de Abraão, deseja que cada homem se torne apóstolo dos seus irmãos.

Teremos nós a impertinência de discutir os planos divinos? O nosso dever é obedecer pronta e jubilosamente às ordens do Senhor, que também a nós dirige o preceito que deu aos Apóstolos: prègai o Evangelho a todos.

Mas subsiste a dúvida, que pode ser sincera e angustiosa: Que posso eu fazer?

É lição luminosa e fecunda a história da Igreja. Quem pensaria que o Senhor escolheria pobres pescadores da Galiléia, e ainda Saulo, fariseu generoso mas exaltado, para iluminar e aquecer o mundo de claridades divinas?

Não sabemos nós o valor do menor dos nossos actos, da mais insignificante das nossas palavras. Cada uma das nossas atitudes pode ter uma repercussão eterna — para o bem e para o mal.

O P. Plus recorda, em livro festejado, que um faroleiro, da ilha Hawaí, adoeceu gravemente, em certa tarde, sem ter sequer tempo para preparar o dispositivo que devia fazer girar elèctricamente a lanterna, durante a noite. A mulher não pôde abandoná-lo um momento. E foram dois filhos de poucos anos que, durante a noite interminável, tiveram de mover manualmente a pesada máquina, para que não faltasse aos navegantes do alto mar a luz necessária ao rumo certo que deviam trilhar.

Pela manhã, as crianças estavam esgotadas, mas o farol cumprira o seu dever, sem que os mareantes se apercebessem de que o grande benefício era devido ao esfôrço enorme de duas crianças.

Quantas vezes se operam gloriosas revoluções de vida, pela intervenção generosa de pobres almas, que trabalham e rezam, sem desculpas e sem dúvidas, porque tudo esperam de Deus!

Fracos somos, na verdade, mas a nossa fraqueza não pode impedir-nos de fazer sacrifícios pelos nossos irmãos.

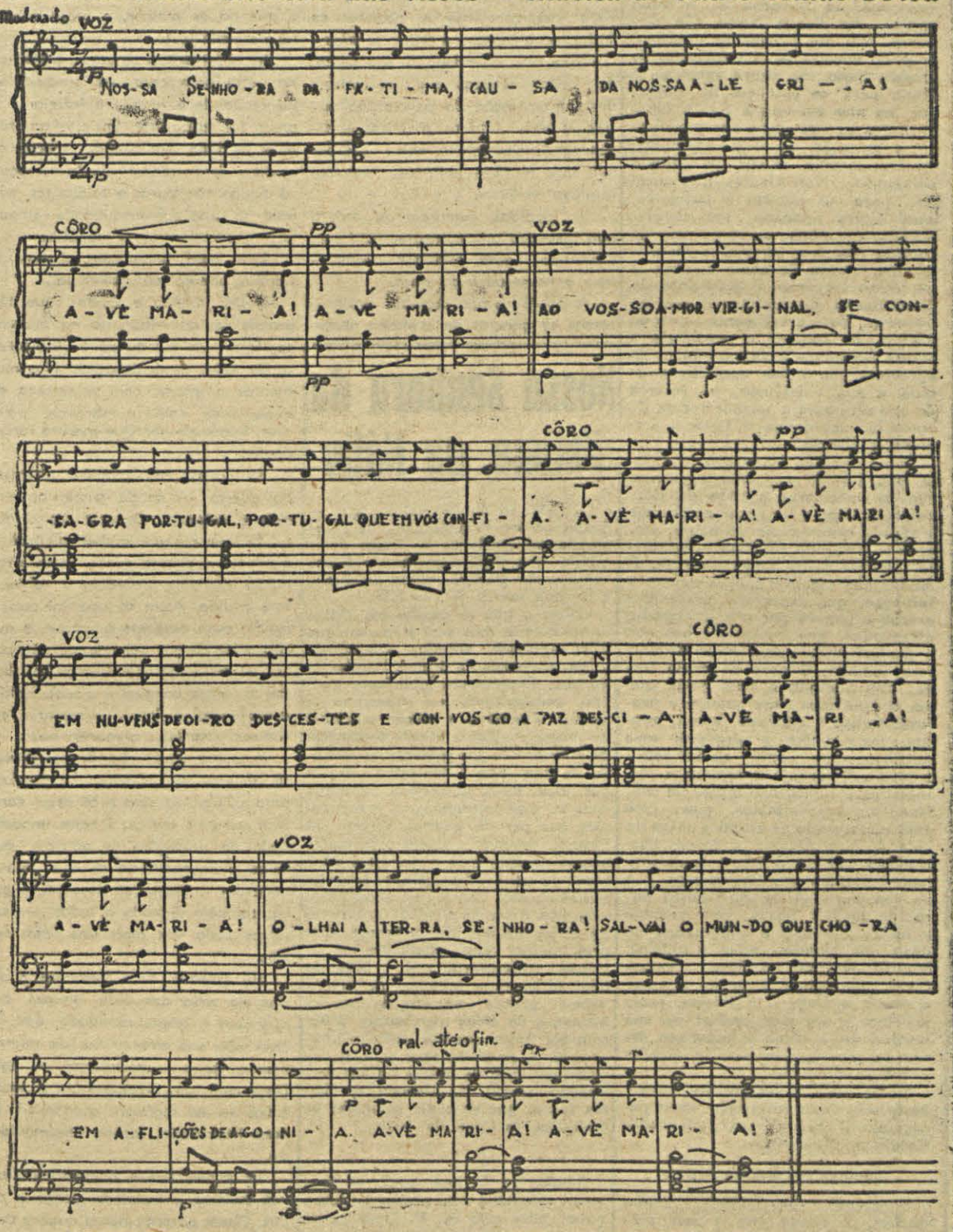
Que extraordinária, que profunda revolução se realizará no mundo, quando todos os que podem, derem à Acção Católica o esfôrço abnegado que se lhes pede!

Não há maior glória nem fonte mais pura de consolações e de graças, do que o serviço das almas, para glória de Deus.

† MANUEL, *Bispo de Helenópole*

Prece-Consagração

Versos do Padre Moreira das Neves — Música do Padre Tomás Borba



Nossa Senhora da Fátima,
Causa da nossa alegria!
— Avé, Maria!
Ao Vosso amor virginal
Se consagra Portugal,
Portugal que em Vós confia.
— Avé-Maria!

Em nuvem de oiro descestes,
E convosco a paz descia...
— Avé, Maria!
Olhai a terra, Senhora!
Salvai o mundo que chora
Em aflições de agonia.
— Avé-Maria!

Há fogo e sangue, Senhora,
No chão da Cova da Iria.
— Avé, Maria!
Mas o fogo é de pureza
E o sangue é de almas em reza,
Corações em romaria.
— Avé, Maria!

Campos de rosas e trigo,
Que o Vosso olhar alumia,
— Avé, Maria!
Remos e velas do mar,
Cada lar e cada altar,
— Tudo é Vosso, noite e dia.
— Avé, Maria!

Nossa Senhora das Ondas:
Se o temporal se avizinha,
— Salvè, Rainha!
Sois Vós a Estrêla do Norte
Que nos defende da morte
E à praia nos encaminha.
— Salvè, Rainha!

Coração Imaculado
Da Virgem, nossa Madrinha:
— Salvè, Rainha!
Nas horas tristes da guerra,
Não deixeis nenhuma terra,
Terra nenhuma sòzinha!
— Salvè, Rainha!

BEATO NUNO DE SANTA MARIA

O SANTO CONDESTÁVEL

Já o dissemos, mas convém repeti-lo: as comemorações das Bodas de Prata da Beatificação do Santo Condestável não devem limitar-se às solenidades já realizadas, em Janeiro e Fevereiro. Como advertiu um distinto e piedoso sacerdote, dos que mais se têem empenhado, em Lisboa, pela intensificação do culto de Nun'Álvares, o rev. doutor Joaquim Francisco da Silva, pároco da freguesia da Encarnação, o «ano jubilar» do Beato Nuno não terminou, vai até Novembro próximo, podendo encerrar-se a celebração do grande facto, de tanto interêsse e júbilo para os católicos de Portugal, no mês em que a Santa Igreja exalta as virtudes e nos recomenda a imitação da vida exemplar, edificantemente cristã, do grande português. Nun'Álvares não pode ser, para os crentes e patriotas, uma figura apagada, um simples lustada de quem se recordem, de quando em vez, serviços e merecimentos. Temos de abrir a alma a um culto fervoroso e constante do Herói-Santo, de confiar na sua intercessão, no seu valimento junto do Senhor, de ensinar a mocidade a copiar fielmente a sua conduta, de aproveitar as lições magníficas de tôda a sua existência, na certeza de que será essa a melhor forma de honrá-lo, agradando a Deus e servindo a Pátria.

Importa ainda relembrar que êste ano jubilar não tem apenas o fim de comemorar a data da Beatificação, mas o de rogar ao Senhor a rápida canonização do nobre, piedoso e abnegado filho da nossa terra, que êle tanto amou e serviu. É mister que rezemos muito com esta intenção, que tornemos conhecidas graças e mercês por seu intermédio alcançadas, que ensinemos aos que o desconhecem a sua vida de perfeito cristão. O povo da nossa terra, êsse honrado e bom povo, que em tempos idos sinceramente e profundamente o admirou, amou, cantou suas virtudes, e agradeceu seus milagres, êsse agora, quási totalmente o ignora, não recorre a êle, injustiça e ingratidão muito de confranger. Aproveitemos, pois, êste ano, e sobretudo as grandes datas da vida de Nun'Álvares, a do seu nascimento (24 de Junho), e da sua maior batalha (14 de Agôsto) e a da sua morte (1 de Novembro) para, da melhor forma, com piedade e amor, dizermos e lembrarmos ao povo das cidades, vilas e aldeias, quanto devemos ao Santo Condestável, como êle nos ensina a amar e servir a Deus e à Pátria, como podemos e devemos confiar na sua intercessão, e como é imperioso dever de portugueses desejar e pedir a sua canonização.

Muito pode, e certamente o fará, neste sentido o reverendo clero paroquial. E também as Juventudes Católicas Masculinas.

Graças do Beato Nuno

Adoecendo gravemente minha mulher, e vendo que a sua vida corria sério risco, recorri fervorosamente ao Santo Condestável, rogando-lhe que me alcançasse da Misericórdia infinita do Senhor as melhoras e cura da querida doente. A minha prece foi ouvida, e, como prometi, aqui estou a tornar bem pública, bem conhecida, a preciosa graça que obtive por intercessão do nosso glorioso Beato Nuno. Êle não deixará de ouvir os que se lhe dirijam com Fé e confiança, nas horas tristes e amargas da existência, e sempre estará pronto a socorrer-nos e confortar-nos.

Lisboa, 8/4/43

Zuzarte de Mendonça

Palavras mansas

AS BICHAS

Formam-se na visinhança de certos estabelecimentos comerciais, em que a oferta não está em relação com a procura. Se a Bicha é numerosa e extensa a polícia divide-a em pelotões, rua adiante. Se a Bicha é de proporções mais reduzidas, toma posições no passeio, fazendo torcer o caminho aos transeuntes, por mais ilustres que sejam.

De quando em quando um guarda, mais ou menos desempenado, revista vagarosamente os pelotões da Bicha, para manter a ordem e saber-se que não abandona o seu pôsto. As coisas tétricas que se contam desta intervenção da polícia são outras tantas tétricas mentiras urdidas tendenciosamente entre pessoas que, por motivos políticos, esperam também em bicha...

Os guardas cumprem as ordens que lhes dão urbanamente. Não são, sobretudo agora, inimigos profissionais e numerados do povo.

A pobre gente procura ansiosamente os géneros de primeira necessidade, tão falados, discutidos e importantes hoje em dia, que obrigam a clientela a humilhar-se e quási sentem num trono quem os vende. Como as coisas mudaram neste nosso pobre mundo, destroçado pela guerra! Hoje, nas mercearias, os sorrisos, as atenções, os salamaleques passaram, com todo o seu encanto e tôda a sua poesia, para o lado de fora do balcão. Não se escolhe, não se desdenha, não se discute. O género é que há de melhor, o preço é que há de mais justo.

As observações amargas fazem-se na volta para casa, em surdina, se na realidade o género é inferior e o preço foi torturante. Em surdina, tomem cuidado, em surdina, porque os ouvidos de mercador, ainda há pouco tempo tão duros e tolerantes, são hoje de uma susceptibilidade singularmente melindrosa e doentia.

Seria bom juntar aos abonos de família abonos de paciência...

O Dr. Cunha e Costa, que tão grande foi na tribuna e na imprensa, falou um dia da cauda lamacenta de tôdas as demagogias. Nos momentos propícios, com a certeza da impunidade, colêa e esbraveja pelas ruas. Lembram-se? Que ingrata recordação!

As Bichas são também a cauda da guerra — cauda triste, apreensiva e dolorosa. Os que dia a dia, na terra e no mar andam a afrontar a morte, a imensa gente, mesmo nos países neutrais, enredam e dificultam a vida. Além do que vai para o fundo, num desgaste pavoroso, o que não pode chegar até nós por não haver autorizações nem transportes. Entre os lemas da guerra o mais actual e inexorável é êste: — matar e esfomear. Depois... o mundo novo.

A pobre gente das Bichas procura géneros de primeira necessidade para si, para os seus e às vezes também para os outros. É uma modalidade de prestação de serviços, que exige mais paciência do que esfôrço muscular... Prestação de serviços que vai também dizendo a todos: — sejamos cada vez mais uns pelos outros...

Há pessoas, bem formadas e sérias na roda dos seus amigos, que atribuem a responsabilidade das Bichas não aos empresários da guerra, mas a quem superintende — sabe Deus com que preocupações e sacrifícios — no regímen económico do país. Imprevisão, incúria desumanidade...

Incompreensão e, quem sabe?, talvez política... Façamos justiça a todos. Quem governa numa quadra destas, por interêsse do país e até por interêsse próprio, pensa e age sempre no sentido de tornar as condições de vida, para tôdas as classes, pelo menos suportáveis.

Às pessoas a que me referi juntam-se outras que não concordam por nada com a palavra de ordem e de conselho vinda há tempos de onde realmente devia vir. — Darmo-nos as mãos alegremente, e gozar. A palavra ideal seria esta.

Não me regozijo com as bichas. Longe disso.

Praza a Deus que não continue a mortificar-nos esta repercussão da guerra ingente!

Correio Pinto

Nossa Senhora da Fátima, na Itália

ÚDINE, 10 de Fevereiro 1943. — Acaba de ser solenissimamente inaugurada na Igreja de S. Tiago desta cidade uma linda imagem de Nossa Senhora da Fátima, vinda de Roma e benzida por S. S. Pio XII.

«Dizer o que se passou em Údine durante êstes dias será o mesmo que dizer apoteose, triunfo, milagre da graça, em nome da brancâ Rainha da Fátima. Espectáculo grandioso, insólito, indescritível, — comentam os jornais. Terminou o solene oitavário de prègação sôbre a celeste mensagem da Mãe do Céu aos pastorinhos na Cova da Iria; mas a multidão atraída por uma fôrça misteriosa, continua com as suas intermináveis peregrinações aos pés da gloriosa Virgem da Fátima, devendo a igreja permanecer aberta durante todo o dia e até altas horas da noite, não obstante a lei do escurecimento. São leigos, sacerdotes, religiosos, irmãs da caridade e militares ali de joelhos aos pés da branca imagem, muitas vezes debulhados em lágrimas, conversando com a Mãe do Céu! Milhares e milhares de comunhões; grande número de pessoas afastadas de Deus regressaram a Êle com um fervor que nos enche de consolação. A procissão final através das principais ruas da cidade foi um verdadeiro triunfo. A afluência de fiéis era tanta, que se podia comparar às multidões da Cova da Iria».

* * *

ROMA, 11 de Fev. 1943. — Mais uma conferência com projecções luminosas, feita pelo Sr. P. Gonzaga da Fonseca, a que assistiram nada menos de três Cardeais, diversos senhores Bispos, e muitíssima gente da aristocracia Romana.

— Projecta-se a realização de um filme apologético à volta dos acontecimentos da Fátima. Projecto verdadeiramente grandioso, entrecho magnífico. Deus queira que esta idéia se possa concretizar num futuro muito próximo, como é desejo das pessoas que a ela se estão dedicando.

— Anuncia-se um grande milagre operado aqui em Roma por intercessão de Nossa Senhora da Fátima. Daremos mais notícias no próximo número.

No Santuário da Fátima

encontra-se à venda tôda a edição das preciosas medalhas religiosas assinadas do escultor João da Silva.

A MAGNIFICAT

DA SANTÍSSIMA VIRGEM

Jamais lábios humanos entoaram cântico mais belo e inspirado que aquêle que brotou do coração da SS.ma Virgem para exprimir a sua profunda humildade, reconhecimento e amor para com Aquêle que se dignou realizar nela as maravilhas da Encarnação do Verbo Divino.

Após a extraordinária mensagem do Anjo e dado o seu consentimento à vontade divina — Maria recolhe-se profundamente num silêncio feito de adoração e amor ao Senhor que, desde êsse momento, habita nas suas puríssimas entranhas.

Quem jamais poderá perscrutar e compreender os íntimos colóquios de Maria e Jesus tão intimamente unidos?

Mas o seu coração generoso, apesar de embebido na indizível felicidade da Maternidade divina, não esquece o próximo, porque amor de Deus e do próximo, são dois sentimentos inseparáveis, dois sentimentos que se confundem, que jorram da mesma fonte.

Por isso ela acorre pressurosa, desprezando os incómodos duma viagem longa e difícil, a visitar sua prima Isabel para a felicitar pela graça tão ardentemente desejada e pedida com que o Senhor a honrara também, para lhe prestar porventura os carinhosos cuidados que o seu estado requeria.

Momento solene aquêle em que as duas primas se encontraram. Estavam ali as duas mulheres mais venerandas do mundo, ambas distinguidas por Deus por uma maternidade miraculosa. Era ao mesmo tempo o encontro das duas crianças as mais sublimes, Jesus e o Seu Precursor. À voz de Maria, à aproximação de Jesus, João Baptista estremece de júbilo no seio de sua mãe.

Então Isabel profundamente comovida e cheia de respeito exclama para sua prima: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto das tuas entranhas. E donde mereço eu a felicidade de ser visitada pela Mãe do meu Senhor?... Bem-aventurada és tu por teres acreditado nas palavras que te foram ditas da parte do Senhor».

E destas palavras ditas pelo anjo a Maria e agora repetidas e completadas por Isabel, a Santa Igreja fêz a primeira parte da Avé-Maria que os protestantes censuram como idolatria esquecendo que elas são do mais puro Evangelho.

Maria ao ouvir a saüdação de sua prima, não contém por mais tempo a profunda emoção que a tomara desde a Anunciação do Anjo, não reprime mais a felicidade que inunda a sua alma virginal, e irrompe no seu cântico de humildade e exaltação, de amor, de acção de graças, cântico único na literatura do mundo inteiro, cântico inspirado pelo Espírito Santo: «A minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador; e porque Êle se dignou olhar para a baixeza da sua escrava, eis que tôdas as gerações, me chamarão bem-aventurada. O Todo-Poderoso realizou em mim grandes maravilhas...»

Moss

Cânticos para o mês de Maio

Tem-nos e muito lindos o Manual do Peregrino a Fátima.
Pelo correio ... ... 4$50
Pedidos à Gráfica — **Leiria**

Fátima em 65 vistas

Continua a despertar o maior interêsse e a ser acolhido com o maior prazer. Dos Açores, de Espanha e de todo o Continente afluem contínuos pedidos.
Peça-o à Gráfica — Leiria
Preço, pelo correio ... ... 4$00

JACINTA

a vida maravilhosa da pequena vidente da Fátima esgotou-se. 8.000 ex. da 3.ª edição em 6 meses.
A nova edição entrou na máquina. Aceita pedidos a **Gráfica de Leiria**

PAGELAS

dos cinco sábados, dos primeiros sábados, da devoção e consagração ao Imaculado Coração de Maria e do Dia do Sacerdócio
vende-as
a Gráfica de Leiria

Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original.

TOPÁZIO

À venda nas ourivesarias.

Por que apareceu Nossa Senhora na Fátima?

é o título do novo livro a aparecer no dia 13 de Agôsto. Prefácio do Senhor Bispo de Leiria.
Vá já arranjando dinheiro para o comprar.

STELLA

São notáveis os artigos sôbre o «Imaculado Coração de Maria», «Fátima e as conseqüências da guerra» e «O Papa e a guerra nos segredos da Fátima», publicados no número de Stella de Maio. Envie já à Administração da «Stella» — Cova da Iria (Fátima) 2$50 em selos ou em vale postal e receberá na volta do correio um exemplar. Assinatura anual 25$00.
Ainda há à venda na mesma Administração calendários de N.ª S.ª da Fátima para 1943. Preço 1$00; pelo correio 1$30.

REMEDIO D.D.D.

Para desaparecer rapidamente tôdas as perturbações da sua pele e dar-lhe-á um aspecto agradável.

É maravilhoso ver como êste líquido antiséptico-curativo, actua ràpidamente.
Tenha sempre em sua casa um frasco de Remédio D. D. D. que tem inúmeras aplicações.
Manchas, Chagas, Furúnculos, Úlceras, Varizes, Feridas infectadas, Eczema, Psoríases, Dermatites, Pés doridos, Queimaduras e frieiras.
A venda nas farmácias e drogarias.

D.D.D.
O Remédio para a pele

GRAÇAS
de Nossa Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

Fernanda Elvira Pereira da Silva, de Pombal, sofreu durante três meses duma febre tifóide não havendo esperanças já de melhorar, como o declara o Ex.mo Senhor Dr. Amadeu da Cunha Mora, seu médico assistente, no atestado que a seguir publicamos. Um grupo de senhoras daquela vila, Cruzadas de Fátima, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, pedindo a graça da cura da doentinha. Sucedeu então que, de-repente a enférma achou-se livre de perigo.

Os seus pais, João Pereira da Silva e Preciosa Mendes da Silva, vêem, cheios de reconhecimento tornar público o sucedido para maior glória da Santíssima Virgem.

Atestado Clínico

«Eu abaixo assinado, médico municipal em Pombal, atesto por minha honra que tendo tratado Fernanda Elvira Pereira da Silva, desta localidade, de uma febre tifóide gravíssima, a considerei durante alguns dias completamente perdida, e portanto sem possibilidade de beneficiar com os já esgotados recursos da medicina, tendo porém inesperadamente reagido e conseguido assim vencer a sua doença. Pombal, 6 de Março de 1943. Amadeu da Cunha Mora.

D. Fernanda Elvira Pereira da Silva

D. Margarida B. de Sousa, de Lisboa, diz: «Tendo tido doente o meu filho Nuno, ao cabo de 18 dias de elevadas temperaturas e de ter sido submetido a uma conferência médica sem resultado algum, principiei uma novena a Nossa Senhora da Fátima, dando todos os dias água da Fátima ao doentinho. No último dia da novena, o médico descobriu que se tratava de mal na garganta. Feita uma cauterização, de um dia para o outro, desapareceu-lhe a febre. Havia 25 dias que era tratado de uma septecémia». Como prometera, vem cheia de reconhecimento agradecer pùblicamente tão grande graça da Mãe de Deus.

D. Ana Virgínia Pires Rebelo, de Viseu, diz: «Estando a minha neta Maria Clementina para fazer a sua primeira Comunhão Solene, adoeceu com escarlatina. Recorremos a Nossa Senhora da Fátima, para que melhorasse a menina a fim de ela poder fazer a sua primeira Comunhão Solene no dia indicado. Demos-lhe a beber algumas colheres de água da Fátima. Nossa Senhora fêz a graça de a melhorar; e por isso torna público o seu grande reconhecimento à Mãe do Céu.

Angelo Nascimento, do Pôrto, tendo dado uma queda no dia 30 de Março de 1938, da qual resultou a fractura de um osso do pé esquerdo como acusou a radiografia tirada no Hospital de Santo António, foi-lhe comunicada a necessidade de se sujeitar a uma intervensão cirúrgica, sob pena de ficar aleijado para tôda a vida. Temendo, porém, muito a operação, recusou-se mesmo a dar entrada no Hospital, recorrendo, então cheio de fé a Santa Teresa do Menino Jesus e a Nossa Senhora da Fátima para o que o livrassem da operação e lhe obtivessem a cura. Sucedeu, que volvidos trinta dias, se encontrava completamente curado e sem defeito no andar. Graças a Nossa Senhora da Fátima e à Santa de Lisieux.

Felicidade Rodrigues, *de Lisboa*, diz: «Parti uma perna no dia 11 de novembro de 1937. Julgando ser apenas um entorce no pé, vim para minha casa não fazendo tratamento algum. Sentindo-me, porém, muito mal resolvi ir ao Banco do Hospital de S. José. Era no dia 13. O médico quando me principiou a tratar disse que só por milagre de Nossa Senhora da Fátima eu melhoraria. Com grande fé principiei uma novena a Nossa Senhora da Fátima; dia a dia principiei a sentir melhoras podendo já no primeiro de Janeiro de 1938, sair à rua. Graças, pois, à Mãe do Céu. Agradecer-lhe-ei até morrer».

D. Suzette C. de Faria Lopes Lerene, de Lisboa, diz: «Encontrei-me bastante doente no dia 9 de Junho de 1936; vómitos, febre ardente, cólicas horríveis que só passavam com injecções de morfina. Foi declarado que se tratava de uma salpingitte. Assim estive quatro meses na iminência de ter de ser operada, o que me causava grande repugnância por me ter sujeitado já havia dois anos, a uma outra intervenção cirúrgica que era menos grave do que a que me ameaçava agora. Quatro distintos especialistas, os srs. drs. F. Levy, Damas Mora, Balbino do Rêgo e Sabino Pereira, eram unânimes em que eu necessitava de me sujeitar a uma operação. Com tanto sofrimento e aflição pedi a Nossa Senhora da Fátima que me acudisse; todos em casa, rezámos o têrço e eu bebia água do seu Santuário. A minha fé era ardente e tive sempre a esperança de não ser operada. Com licença do médico saí da cama e fui ao Hospital de Santo António dos Capuchos onde quis ser examinada. Os operadores declararam-me que já me não entravam absolutamente nada. Que alegria, Santo Deus! Quando saltei da marquesa já podia andar livremente, com muita admiração dos meus filhos, pois só amparada a êles e de automóvel eu podia ir ao Hospital e consultórios. Com os protestos da minha gratidão e muito amor agradeço à querida Mãe do Céu o ter atendido esta sua humilde filha».

D. Ermelinda Rosa de Jesus, de Alcobaça, tendo-lhe falecido um filho que deixou na orfandade uma menina gravemente enferma, não havendo já muitas esperanças de que escapasse a uma morte próxima, a avó recorreu com fé a Nossa Senhora da Fátima prometendo oferecer para o seu Santuário vários objectos de oiro se a menina melhorasse e não houvesse necessidade de durante cinco anos lhe voltar a casa o médico.

Foi atendida na sua grande aflição e por isso vem tornar pública a graça recebida, tudo para maior glória de Nossa Senhora.

D. Maria Flor Peaza, Alcanhões, diz que encontrando-se um seu irmão enfêrmo com tuberculose pulmonar, tendo várias hemoptizes, mostrando a radiografia numerosas aderências, foi declarado incurável pelos especialistas, a não ser que ingressasse num sanatório. Entretanto, o seu médico assistente fêz tudo quanto pôde para o curar. Como o doente sofria do fígado e dos intestinos, havia mais esta agravante ao seu terrível mal. Os sintomas da doença pulmonar tornavam-se cada vez mais evidentes; quando o enfêrmo principiou a ter mais dificuldade na respiração a sua irmã disse-lhe que a acompanhasse numa novena que ia fazer a Nossa Senhora da Fátima, pedindo a sua cura. Assim o fêz, bebendo água do Santuário da Fátima. Antes de terminar a novena, num dia, o doente perdeu os sentidos. Nunca desconfiando do auxílio da Mãe do Céu, a irmã correu à igreja a prostrar-se aos pés da imagem de Nossa Senhora da Fátima. Tudo levava a crer que ficaria sem o seu irmão, mas ela confiava tanto na protecção divina, que não tinha receio de não ser atendida. Efectivamente, terminada a novena, o enfêrmo começou por sentir ligeiras melhoras que dia a dia se foram acentuando. Já passaram três anos, e apesar de se entregar a um trabalho muito violento, o rapaz não voltou a sentir os seus antigos males. Tanto pode a oração confiada dirigida à Consoladora dos Aflitos.

CONVERSANDO

A POBREZA E A RIQUEZA

O célebre plano Beveridge, de que aqui temos falado, continua a atraír as atenções por tôda a parte. Teve a sua primeira apresentação, como vimos, na Inglaterra; daí passou por adaptação aos Estados Unidos; e agora está também oficialmente a ser apropriado no Canadá.

Não será demais repetir que o que torna sensacional êsse plano é a pretensão de garantir um mínimo de vida a qualquer pessoa e em qualquer emergência, para que não chegue a própria capacidade.

Mas será realmente viável um tão alto como generoso objectivo?

Cremos que sim. É viável *moralmente*, porque é a própria Igreja que nos recomenda como obra de misericórdia dar de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sêde; é viável *materialmente*, porque os modernos Estados nos demonstram de forma prática que, conseguindo sustentar em guerra, durante anos, milhões e milhões de homens, dos mais válidos da população, sòmente ocupados em meios de destruïção e aniqüilamento —, melhor poderão conseguir se assegure um mínimo de vida indispensável a cada um dos nossos semelhantes, trabalhando todos num ritmo tranqüilo de paz.

É preciso, porém, não concluir daí que poderemos vir a tornar-nos inteiramente iguais uns aos outros e deixará de haver pobres, como o pensou, há pouco, a Comissão Executiva do movimento Cooperativo na Inglaterra, declarando aos seus adeptos ser o Plano Beveridge *«o primeiro passo para a abolição das privações e da pobreza»*.

Não nos deixemos ir em semelhantes erros. *«Pobres havemos sempre de tê-los entre nós»*, — disse-nos o Divino Salvador; e, se pobres sempre terá de haver, natural é que, conseqüentemente, ricos haja também.

Um mínimo indispensável de vida não corresponde, nem poderia corresponder, a uma plenitude de satisfação; é alguma coisa, mas não é tudo o que pede a natureza de cada um. Acima dêsse mínimo, por mais que se faça em contrário, haverá sempre desigualdade de recursos imposta por *diferenças de aptidões*, de *graus de virtude* e de *processos de trabalho*. Enquanto, dos que trabalham, uns gastam os seus salários com a família e ainda podem amealhar para as horas da adversidade, outros dissipam-nos pelas tabernas, sem se lembrarem de que têem a mulher e os filhos em casa com faltas. Ao passo que êstes não vêem outro limite à satisfação das suas necessidades senão os seus desordenados prazeres, aquêles, para gastar, atendem ao salário recebido, às necessidades da família e às condições de saúde de cada um dos seus membros.

Muitos, por não saberem ou não poderem, trabalham mal; vários trabalham bem; alguns, pelas suas habilidades naturais, cultura adquirida, ou inventos obtidos, alcançam fazer fortuna e tornar esta poderoso instrumento de acção.

Uns há que são dissolutos ou vàdios; outros doentes ou mentecaptos; ainda outros moral e fisicamente fortes.

Ninguém igual a outrem, nem os próprios irmãos.

Diante de tantas e complexíssimas causas de desigualdade, umas físicas, outras intelectuais ou morais, a pobreza e a riqueza são inevitáveis. Não há bolchevismo, não há socialismo, não há regime algum que as possa fazer desaparecer da terra, como categorias económicas.

No meio de tudo, porém, a pobreza e a riqueza constituem uma condição de aperfeiçoamento e progresso social.

A pobreza, pelos apertos e dificuldades a que obriga, é escola de trabalho e de sacrifício; é uma força que dá à natureza humana a sua melhor têmpera; enrijece o carácter e faz sentir melhor a fôrça da solidariedade humana. Os homens de maior préstimo, como os santos, os heróis, os grandes iniciadores de emprêsas, aparecem quási sempre em meios dessa condição.

Mas a riqueza tem também uma função de benefício cuja falta a pobreza não pode suprir. Pelo volume de seus capitais leva à formação de poderosas e utilíssimas emprêsas, facilitando a abundância de produtos e o emprêgo de pessoas. Provoca a selecção das mais superiores competências, pois que, para adquirir e manter riquezas, são precisas, além do mais, as virtudes que se geram e desenvolvem na pobreza; sem estas virtudes, as riquezas vão-se; e, porque assim sucede geralmente, é corrente o adágio: *Pai ajuntador, filho esborralhador, e neto mendigo.*

Ninguém condene, pois, a pobreza ou a riqueza, como é freqüente entre as classes sociais. São categorias económicas que condicionam fundamentalmente a justiça e a ordem na humanidade.

«Boa é a riqueza para o que não tem pecado na sua consciência» — diz o Eclesiástico — *«e a pobreza é péssima na bôca do ímpio»*.

Em condição de pobreza ou de riqueza pode todo o homem, querendo, subir a Deus, desde que sobreponha ao prazer dos sentidos o gôsto inefável das belezas espirituais da vida, na forma da moral cristã.

Abril 1943 — *A. Lino Neto*

CRÓNICA FINANCEIRA

Os Bancos estão a abarrotar de dinheiro, sem saberem o que lhe hão-de fazer. Os juros que pagam são baixíssimos e os que pedem pelo dinheiro que emprestam também não são grandes. Ora, dinheiro farto e barato é uma tentação para o lavrador que tem sempre na idéia o arredondamento de uma terra, a compra de outra que lhe fica muito à mão, uma mina para abrir, um muro a fazer, enfim, muito em que gastar dinheiro, se o apanha a jeito. Esta tentação é um perigo para o lavrador e foi a desgraça da lavoura na outra guerra. Já aqui o dissemos, quando esta começou, mas é bom repeti-lo de quando em quando, para avivar as idéias aos lavradores que nos lêem.

Tal como sucedeu na outra guerra, a esta abundância de dinheiro barato há-de suceder uma época em que o dinheiro levará sumiço, o crédito fugirá e os juros hão-de subir como leite ao lume. O lavrador que fôr apanhado com dívidas por esta ressaca, naufraga irremediàvelmente porque não mais conseguirá pagar os juros a tempo e horas. Os géneros começarão a descer, e os ganhos das terras a diminuir. A lavoura começará a ter **déficit** e só estará bem quem puder comer do ganhado, isto é, quem tiver tido o juízo de **«guardar do riso para a chora»**.

Quere dizer, o lavrador de juízo não só não deve empenhar-se, mas deve procurar juntar um pecúlio para poder fazer frente às dificuldades que hão-de surgir alguns meses depois de findar a guerra.

Enquanto os preços vão subindo, os ganhos que daí resultam para o lavrador devem ser aplicados antes de mais em pagar dívidas. As sobras podem ser aplicadas, caso as haja, em gados, terras, ouro para a mulher e filhas, ou melhoramentos nas propriedades. Para comprar uma pechincha, ainda pode haver vantagem em contrair uma dívida, mas só coisa que se possa pagar em poucos meses. E isto só enquanto durar a guerra.

Acabada esta, a política tem de ser outra. O pagamento imediato de qualquer dívida, caso a haja, terá de ser a primeira preocupação do lavrador que não quere ver a sua casa posta em praça. Pagas as dívidas, o lavrador acaba com tôdas as compras desnecessárias, ou compra só coisas que possa vender sem prejuízo grande, como ouro, por exemplo.

Isto vai dirigido sobretudo aos lavradores novos, àqueles que não tiveram a experiência da outra guerra. Aquêles que a tiveram e a aproveitaram, não precisam dêstes conselhos, porque sabem muito bem como as coisas então se passaram.

Pacheco de Amorim

VOZ DA FATIMA

DESPESAS

Transporte	2.666.633$51
Papel, comp. imp. do n.º 247	22.331$80
Franq. Emb. Transporte do n.º 247 ...	6.571$70
Na administração ...	312$00
Total	2.695.849$01

Donativos desde 15$00

D. Branca Laura Coelho da Mota, Rio Tinto — 20$00; D. Emília Garcia, New Bedford — 220$00; D. Maria Almeida, Mirandela — 20$; D. Maria Cândida Raposo, S. Miguel — 50$00; Josefina Meireles, Moncorvo — 20$00; D. Maria Isabel Vasconcelos, Pôrto — 150$00; D. Luísa Madalena d'Albuquerque, Lisboa — 20$00; D. Ana Maria Alves, Podence — 35$00; José Dias, Olivais — 15$00; D. Maria Girão Almeida Matos, F. de Algôdres — 70$00; D. Maria J. Correia Gomes, Coruche — 60$00; D. Conceição da Silva Póvoas, Pôrto — 20$00; D. Conceição M. S. Marques, Pôrto — 15$00; D. Joaquina Conceição Duarte, Óbidos — 141$00; D. Alda A. Sepúlveda dos Santos Pereira, Pôrto — 20$00; Manuel de Oliveira, New Bedford — 374$00; D. Maria da Glória e Silva, Tendais — 20$00; P.e José Silvestre, Horta — 20$00; Francisco Rodrigues Ferreira, Madalena — 50$00; D. Francisca da Cunha Sotto-Mayor, Monção — 50$00; Dr. João de Passos Canavarro, Lisboa — 50$00.

Este número foi visado pela Censura

PROGRAMA
da peregrinação de Maio

No XXVI ano das Aparições

Ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima

Dia 12 — Durante o dia — **Entrada das peregrinações — Confissões.**
À noite — **Recepção dos doentinhos no Albergue depois de observados pelos Senhores Médicos.**
Às 22 horas (10 horas da noite) **Têrço do Rosário seguido de Procissão das velas.**

Dia 13 — da meia-noite às 2 horas da manhã — **Adoração ao Santíssimo Sacramento,** sendo o primeiro mistério para a J. C. M. de todo o Portugal.
Horas de Adoração das **peregrinações que se inscreverem.**
Às 6 horas da manhã — **Missa, Comunhão geral e, em seguida, Missas e Confissões.**
Às 12 horas — **Têrço junto da Capelinha das Aparições, organização da Procissão com a Imagem de Nossa Senhora. Missa dos doentes. Alocução e Consagração (1). Bênção com o S.S. Sacramento aos doentes e a todos os peregrinos. Procissão para reconduzir a Imagem de Nossa Senhora à Capelinha.**
NOTA — Atendendo a que muitos peregrinos têem de aproveitar os combóios e outros meios de locomoção as horas marcadas são as oficiais.

OBSERVAÇÕES as Revs. Sacerdotes:
a) **Os Revs. Sacerdotes peregrinos gozam no Santuário de Nossa Senhora da Fátima as mesmas licenças e jurisdições que têem nas suas dioceses, rogando-se-lhes o favor de, quando não conhecidos, trazerem e mostrarem os seus documentos;**
b) **Os Revs. Sacerdotes têem no Santuário 50 altares para celebrarem a Santa Missa;**
c) **É uma grande caridade atenderem os fiéis no Santo Tribunal da Penitência e distribuírem a Sagrada Comunhão.**

Aos Fiéis — **Pede-se a todos os peregrinos que:**
a) **se confessem nas suas freguesias por ser impossível atender a todos na Fátima;**
b) **quando passarem por alguma igreja, visitem o S.S.mo Sacramento;**
c) **tenham a maior caridade para com todos e especialmente para com os doentinhos.**

(1) Ao Imaculado Coração de Maria na qual devem tomar parte os Rapazes da J. C.

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª Série)

XXXII

TRISTEZAS DA VIDA

Vou ainda buscar ao **Leal Conselheiro** o tema da conversa de hoje.

El-Rei Dom Duarte considerava a tristeza uma doença e um grande pecado, que era preciso evitar a todo o transe.

Por três anos sofreu o primogénito do Mestre de Avis grande depressão moral, de que veio a restabelecer-se com a sua vida austera, norteada sempre por severos princípios cristãos.

Êle próprio estuda e expõe o seu caso, para mostrar que nunca devemos desanimar perante qualquer desgraça.

Uma epidemia de peste, que assolou o reino, atingindo a própria Família Real, aterrou-o profundamente, levando-o a desânimo profundo. Por outro lado, expõe Dom Duarte, a sua longa doença teve também por causa o excesso de trabalho que teve de suportar aos 22 anos, era ainda príncipe herdeiro, quando seu Pai lhe entregou as rédeas do Govêrno, por se ter decidido a efectuar a gloriosa emprêsa da Conquista de Ceuta, princípio da expansão de Portugal através dos mares. O excessivo trabalho e as canseiras da governação extenuaram o futuro rei, deixando em grande esgotamento o seu sistema nervoso.

Como causa da tristeza, aponta ainda os lutos e as saüdades.

Parece que foi El-Rei Dom Duarte quem primeiro verificou que a palavra saüdade não tem tradução em qualquer outra língua.

A saüdade, informa, é o sentimento que temos quando se afasta de nós alguma pessoa que muito estimamos.

E tal sentimento é às vezes tão intenso, que nos leva a chorar e a soluçar.

Qualquer que seja a causa da tristeza, não nos devemos deixar dominar por ela.

O autor do «Leal Conselheiro» muito sofreu por causa do seu **humor melancólico.**

Consultou médicos, mas não aceitou os seus conselhos. Profundamente cristão, repugnou-lhe empregar meios de tratamento que brigavam com os seus dèveres religiosos.

A cura da sua longa doença vem descrita, sobretudo, no Capítulo XIX do famoso livro.

Dom Duarte assistiu à morte de sua Mãe, a excelsa Rainha Dona Filipa de Lencastre, que foi vitimada pela peste bubónica. Foi grande o abalo que sofreu, mas consolou-se pensando que Nosso Senhor lhe dava tão grande desgôsto para que se emendasse de suas culpas e pecados. Melhor seria sofrer em vida tão grande pesar com paciência resignada, do que ter desgôsto ainda maior na outra vida.

Depois de tão profundo golpe, sofrido com resignação, veio a curar-se, com honestas distracções, passeios a pé ou a cavalo, partidas de caça, vida repousada e temperança.

Aconselha Dom Duarte aos que são tristes a solicitar a graça de Deus e a empregar aquêles meios tão simples pois, dêste modo, se curarão, adquirindo salutar alegria.

Felizes os que puderem seguir os conselhos do sábio Rei, resignando-se cristãmente diante dos infortúnios!

J. A. Pires de Lima

A Peregrinação de Abril, 13

Contra tôda a expectativa e com grande aprazimento dos agricultores, no dia 13 de Abril findo começou a chover abundantemente logo de manhã no planalto onde está situada a Cova da Iria, durando a chuva até perto do meio-dia.

Na véspera por iniciativa dos rapazes da Diocese de Coimbra que vieram a pé realizou-se a procissão das velas por volta da meia-noite. Seguiu-se, no altar exterior da igreja das confissões, a exposição solene do Santíssimo Sacramento, prolongando-se a cerimónia da adoração até às 5 horas da madrugada.

A êsse piedoso acto presidiu o rev. P. Paulo Gonçalves Machado, missionário na colónia de Moçambique, ao serviço da Missão de Nossa Senhora da Fátima, que veio em descanso à Metrópole.

Durante a adoração nocturna, o rev. P. Paulo Machado, nos intervalos das dezenas do Rosário, que se rezou em comum, explicou os respectivos mistérios. Dada a bênção eucarística à multidão dos fiéis, o mesmo sacerdote celebrou, cêrca das 7 horas, a Missa da comunhão geral.

Ao meio-dia rasgaram-se as nuvens e o sol apareceu em todo o seu esplendor primaveril.

Junto da capela das aparições, rezou-se em comum, como de costume, o têrço, efectuando-se logo depois a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora que se venera na referida capela.

A Missa dos doentes foi celebrada no altar do pavilhão dos mesmos pelo rev. dr. António Antunes Borges que também fêz a homilia, tomando para assunto dela as Dores da Santíssima Virgem. Foi êle igualmente que deu a bênção eucarística aos doentes, que eram em número de 36, e a todo o povo.

Em volta do altar viam-se os rapazes de Coimbra, muitos deles estudantes, que tinham vindo na véspera.

O Senhor Bispo de Leiria mandou dar-lhes o pequeno almôço no refeitório da Casa de Retiros do Santuário.

O número de peregrinos foi muito mais elevado que o da peregrinação do mês anterior.

Houve mais de mil comunhões, não tendo sido possível atender, por falta de sacerdotes, tôdas as pessoas que desejavam confessar-se.

Terminaram os actos religiosos oficiais do dia com a segunda procissão e a consagração dos fiéis presentes a Nossa Senhora na Santa Capela.

Visconde de Montelo

Aos peregrinos da Fátima

O Santo Padre por intermédio da S. Penitenciaria Apostólica em Rescrito de 1 de março de 1943 concedeu as seguintes indulgências:

1.º *Indulgência Plenária* aos peregrinos tôdas as vezes que em grupo visitarem piedosamente o Santuário de Nossa Senhora da Fátima confessando-se, comungando e orando segundo as intenções do Sumo Pontífice;

2.º Indulgência parcial de 7 anos aos fiéis, tôdas as vezes que devotamente visitarem o dito Santuário ao menos com o coração contricto, orando segundo as intenções do S.to Padre.

Bibliografia da Fátima

Foram ùltimamente publicados mais os seguintes livros:

— *La Bianca Signora di Fatima* por Paolo Liggeri — no Istituto di Propaganda Libreri, de Milão.

Descreve as Aparições da Fátima e põe em relêvo os principais episódios da difusão do culto da Santíssima Virgem.

— *La Riparazione Mariana* pelo P. Gabriele M. Bonhini.

São pequenas meditações para o primeiro sábado de cada mês.

— *Le Prodige inouï de Fatima* por J. Castelbranco.

Edição — «Villa Notre Dame» — Montana (Valais) Suiça.

Está em 130.000 exemplares.

— *Le meraviglie di Fatima* — Roma — pelo R. P.e Luís Fonseca — nova edição—130.000 exemplares.

— *Portugal* — Núncio radiofónico do S.to Padre Pio XII — bela edição em português e italiano da Propaganda nacional portuguesa.

TIRAGEM DA «VOZ DA FÁTIMA»

NO MÊS DE ABRIL

Algarve	6.887
Angra	20.909
Aveiro	9.077
Beja	5.690
Braga	81.436
Bragança	12.861
Coimbra	14.609
Évora	4.736
Funchal	13.589
Guarda	18.271
Lamego	12.796
Leiria	14.628
Portalegre	13.208
Pôrto	52.956
Vila Real	25.149
Viseu	10.497
	331.974
Estrangeiro	3.702
Diversos	10.484
	346.160

Consagre a sua família

a Nossa Senhora da Fátima e ponha a sua imagem em lugar de honra em sua casa. Para isso tem as magníficas estampas em cartolina editadas pelo Santuário.

Grandes ... ... 5$00
Médias ... ... 2$50

Pedidos à Gráfica de Leiria

Médicos, Iurisconsultos, Engenheiros e outros diplomados que fizeram em Fátima os exercícios espirituais